Classificação dos povos indígenas pela diversidade linguística: troncos e famílias linguísticas

Kalna Mareto Teao

Você sabia que no Brasil...

◊ 11 línguas indígenas são faladas por mais de 5 mil pessoas?
◊ 110 línguas indígenas são faladas por menos de 400 pessoas?
◊ a língua Guarani é falada por uma população de aproximadamente 30 mil pessoas?

Línguas indígenas e diversidade cultural

No período que antecedeu a chegada dos europeus ao Brasil, os povos indígenas eram aproximadamente da ordem de 4 a 6 milhões de habitantes, falantes de 1.200 idiomas distintos. Atualmente, os índios são cerca de 8000 mil e possuem 180 línguas, em nosso país.

Houve uma diminuição das línguas indígenas em quase 85 %. A que isso se deve? A depopulação ocorrreu devido a muitos fatores, como as doenças que dizimaram os ameríndios: febre, varíola, gripe; a imposição dos trabalhos forçados, as guerras, os deslocamentos e a alteração do modo de ser de cada povo indígena. Soma-se a isso, a imposição da língua portuguesa aos índios e a proibição de utilizarem seu idioma nativo.

O importante é ressaltar que o Brasil apresenta uma grande diversidade cultural de povos indígenas, e, por conseguinte, de idiomas distintos. Não cabe,

portanto, afirmar, genericamente que o índio é um só, porque cada povo indígena possui uma cultura própria e específica. Essa riqueza nos possibilita pensar que as línguas podem ser um fator de expressão e conhecimento de uma cultura e o respeito à essa diversidade possibilitará a constituição de uma política de tolerância e paz em nosso país.

Em meio a essa diversidade, apenas 11 línguas têm acima de cinco mil falantes: Baniwa, Guajajara, Kaingang, Kayapó, Makuxi, Sateré-Mawé, Terena, Ticuna, Xavante, Yanomami e Guarani. Essa última é falada por uma população de aproximadamente 30 mil pessoas. Por outro lado, cerca de 110 línguas contam com menos de 400 falantes.

Para Franchetto (2001, p.6), cada língua tem suas características gramaticais e de vocabulário, e cada sociedade, tem suas características culturais próprias, sua visão de mundo, ou seja, uma maneira especial de ver, por meio do conhecimento, as coisas do mundo humano e natural. Sendo assim, não existem línguas ricas ou pobres, nem com pouca ou nenhuma gramática, ou com poucas ou muitas palavras. Tampouco, não existe uma língua primitiva. Toda língua é completa e rica em si mesma e serve para os usos aos quais se propõe existir.

As línguas, assim como a cultura, (a língua como o conceito de cultura) não são estáticas, mudam conforme o tempo e cada uma tem sua história. As línguas incorporam palavras de outras culturas e o seu processo de transformação é lento.

Uma língua pode desaparecer apenas se seus falantes desaparecerem também, ou devido a acontecimentos como o genocídio, ou culturalmente, por meio da assimilação pela força física resultante da dominação por outros povos. No caso dos indígenas brasileiros, devido ao processo colonizador, muitos foram submetidos a processos de assimilação, proibidos de falar suas línguas nativas nas escolas ou nas missões. Entretanto, os ameríndios resistiram e continuam a falar seus idiomas.

É muito comum ouvirmos que os povos indígenas falam tupi-guarani, tupi ou dialetos. Por trás dessas afirmativas, esconde-se o preconceito e o desconhecimento da realidade da diversidade cultural em nosso país, pois os ameríndios possuem línguas ou idiomas indígenas. Dialetos são variantes locais para um mesmo idioma e duas pessoas podem falar de forma diferente, mas mesmo assim conseguirem se entender com facilidade.

A língua é uma estrutura complexa que compreende:

◊ um sistema que permite a construção de palavras;

◊ um sistema que organiza os sons;

◊ regras e princípios que permitem construir frases e discursos.

A utilização da língua pode ter diversos fins como: expressar sentimentos, pensamentos e emoções, comunicar-se com os outros, construir discursos políticos, criar narrativas, cantos, rezas, descrições, relatos etc.

As línguas indígenas são agrupadas em famílias que por sua vez se agrupam em troncos linguísticos. Existem também línguas que não pertencem a nenhuma das famílias conhecidas e que são chamadas pelos especialistas de línguas isoladas.

Ao afirmarmos que as línguas fazem parte da mesma família linguística, isso significa que essas possuem uma origem comum, ou seja, que a língua mãe pertencia a uma só etnia.

No entanto, com o passar dos anos, essa língua se dividiu com os povos que migraram para outras regiões e que, na maior parte dos casos, não mais tinham contato entre si, ou esse contato era ocasional. Os povos indígenas eram migratórios, deslocavam-se constantemente de territórios, fato que impulsionou a mudança dos idiomas e possibilitou a sua diversificação.

O tronco tupi é o maior e também o mais conhecido: possui dez famílias e cada uma delas agrupa várias línguas. No caso do guarani, há dialetos, como o mbya e o nhandeva, o que não os restringe de se compreenderem entre si.

Confira as línguas das famílias dos troncos Tupi, Macro-Jê e de outras famílias no anexo da página 109.

O tronco macro-jê possui nove famílias. Entre essas a língua jê, que conta com cerca de 25 línguas, faladas no Centro-oeste, no sul (kaingang, xokleng), no Pará e na Amazônia meridional.

As famílias aruák e karib não constituem troncos linguísticos e a cada uma dessas pertencem várias línguas. Os falantes das línguas aruák situam-se no norte, noroeste e sul da Amazônia, em Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul e as línguas karib são faladas no sul do rio Amazonas, ao longo do rio Xingu e no norte da Amazônia.

As línguas da família txapakúra são faladas na região de fronteira entre Brasil e Bolívia, enquanto a língua tukano é falada no noroeste da Amazônia. A família yanomami tem quatro línguas faladas na área fronteiriça entre Brasil e Venezuela e a família guaikuru tem apenas um único representante: o kadiwéu, falado no Mato Grosso do Sul, e também no Chaco argentino e paraguaio.

Há etnias muito pequenas que sobrevivem dos remanescentes de povos antes numerosos, como os arikapu e os kwazá em Rondônia, os apiaká em Mato Grosso.

Em muitas aldeias, podem existir várias etnias, e por isso, há falantes mais de

uma língua, sendo, portanto, multilíngues, por exemplo as aldeias waiwai, no Amazonas, onde vivem os xereu, os katuena e os warekena, de língua aruák.

Na região do Xingu, no Mato Grosso, convivem povos de língua aruák (mehinaku, waurá, yawalapíti), de língua karib (kuikúro, kalapálo, matipú, nahukwá) e de língua tupi (kamyurá, awetí) que passaram a conviver de forma pacífica, estabelecendo alianças, casamentos, rituais, trocando artefatos. Temos nesse caso o exemplo de uma região multiétnica, em que faz-se presente o multilinguismo.

Os povos do Xingu compartilham mitos, parentesco, organização familiar, festas, crenças, hábitos alimentares, técnicas agrícolas e artesanato, no entanto mantêm suas identidades próprias, sua língua e seu território.

Os povos indígenas sempre conviveram com situações de multilinguismo, já que o número de línguas usadas por um indivíduo pode variar bastante. Há casos em que os indivíduos falam e entendem mais de uma língua ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas. É possível encontrar, numa mesma aldeia, indivíduos que só falam a língua indígena, com outros que só falam a língua portuguesa e outros ainda que são bilíngues ou multilíngues.

Muitas vezes, não há correspondência entre a nomenclatura que usamos em relação aos povos indígenas e sua autodenominação. Trata-se da herança de denominações atribuídas pelos colonizadores ou por povos não indígenas da mesma região, construídas muitas vezes a partir de características, como os botocudos, cinta-larga etc. Um exemplo são os metuktire, conhecidos como txukarramãe.

Línguas da Família Tupi-Guarani (Tronco Tupi)

Palavras	Guarani Mbyá	Tapirapé	Waiampí	Língua Geral do Alto Rio Negro
Pedra	itá	itã	takúru	itá
Fogo	tatá	tãtã	táta	tatá
Jacaré	djakaré	txãkãré	iakáre	iakaré
Pássaro	gwyrá	wyrã	wýra	wirá
Onça	djagwareté	txãwãrã	iáwa	iawareté

Fonte: ISA-Instituto sócio-ambiental

Línguas da Família Jê (Tronco Macro-Jê)

Palavras	Canela	Apinayé	Kayapó	Xavante	Xerente	Kaingang
Pé	par	par	par	paara	pra	pen
Perna	tè	tè	te	te	zda	fa
Olho	tò	nò	nò	tò	tò	kane
Chuva	taa	na	na	tã	tã	ta
Sol	pyt	myt	myt	bââdâ	bdâ	rã
Cabeça	khrã	krã	krã	‘rã	krã	kri
Pedra	khèn	kèn	kèèn	‘eene	kne	pò
Asa, pena	haaraa	‘ara	‘ara	djèèrè	sdarbi	fer
Semente	hyy	‘y	‘y	djâ	zâ	fy
Esposa	prõ	prõ	prõ	mrõ	mrõ	prõ

Fonte: ISA-Instituto sócio-ambiental

Línguas gerais

No início da colonização portuguesa no Brasil, a língua dos índios Tupinambá (tronco Tupi) era falada na região ao longo da costa atlântica e no século XVI, passou a ser aprendida pelos portugueses. Aos poucos, o uso dessa língua, chamada de Brasílica, intensificou-se e expandiu-se de tal forma que passou a ser falada pela maioria da população.

Devido aos casamentos interétnicos entre colonos e índias, a Língua Brasílica se constituiu como língua materna dos filhos por eles gerados. Além disso, as missões jesuítas incorporaram essa língua como instrumento de catequização indígena. José de Anchieta publicou uma gramática, em 1595, intitulada Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil e em 1618, foi publicado o primeiro Catecismo na Língua Brasílica.

Já na segunda metade do século XVII, essa língua, já bastante modificada pelo uso corrente de índios aldeados e não índios, passou a ser conhecida pelo nome Língua Geral. Entretanto, é necessário diferenciar as Línguas Gerais no Brasil Colônia: a paulista e a amazônica.

Língua geral paulista

A Língua Geral paulista teve sua origem na língua dos índios Tupi de São Vicente e do alto rio Tietê. No século XVII, era falada pelos bandeirantes e por seu intermédio a Língua Geral paulista penetrou em áreas jamais alcançadas pelos índios tupi-guarani, influenciando a linguagem corriqueira de brasileiros.

Língua geral amazônica

Essa segunda Língua Geral desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, a partir dos Tupinambá, nos séculos XVII e XVIII. Até o século XIX, foi veículo da catequese e da ação social e política portuguesa e luso-brasileira. Desde o final do século XIX, a Língua Geral amazônica passou a ser conhecida, também, pelo nome Nheengatu.

Mesmo após muitas transformações, o Nheengatu continua sendo falado nos dias de hoje, especialmente na bacia do rio Negro (rios Uaupés e Içana), e além de ser a língua materna da população cabocla, mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não índios, ou entre índios falantes de diferentes línguas.

As línguas indígenas na escola

No período de colonização, os povos indígenas eram proibidos de falar o seu idioma materno nas escolas e sofriam inúmeros castigos físicos por tentarem expressar seu modo de ser por meio do idioma.

Os Tupinikim falavam o idioma tupi até o século XVII e vários viajantes que vieram ao Espírito Santo registraram suas palavras faladas, inclusive D. Pedro II, quem em visita à região de Santa Cruz, no século XIX, chegou a registrar algumas expressões em seu diário como:

Temiminó=neto | *Tuiúca=lama*
Avá=homem | *Cendê= relâmpago*
Íra=mel | *Berú=mosca*
Avatché= milho

Atualmente, os Tupinikim têm como idioma materno o português. Em suas escolas, há

um projeto de resgate e valorização do tupi antigo, por isso, desde 2004, a língua tupi se tornou disciplina obrigatória no currículo das escolas tupinikim. O objetivo é ensinar, conservar e estimular o reconhecimento e o respeito ao Tupi, incentivar o exercício da cultura, de sua religiosidade, de seu modo de vida, de organização política, bem como valorizar a cultura indígena.

Escola de Boa Esperança – Guarani - ES

Foto: Gabriel Lordello

Os Guarani ensinam em suas escolas tanto o guarani, como o português, por isso são, bilíngues. Da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental, as crianças aprendem preferencialmente em língua materna. A partir do sexto ano, o português é ensinado a fim de instrumentalizar os índios a dominarem melhor o idioma para que possam se comunicar, receber turistas, ir ao hospital, comercializar seu artesanato, ler e compreender os documentos, etc.

O ensino da língua materna tem a participação dos mais velhos, professores e lideranças políticas da aldeia, já que por meio desse podem ser materializados conhecimentos relativos aos rituais, à alimentação, às festas, ao modo de vida, à caça, à religiosidade, ao artesanato, à medicina tradicional, dentre outros e, sobretudo, pode-se produzir seu próprio conhecimento por meio dos materiais didáticos.

Kyringue a'e mba'e kuaawe
Akwery ma yvy rexaka'a a'e yyn wherá
Akuery nhe'e nhane miru, a'e nhane mbovy
Nhanemboporai nhanembojerojy
Nhende rera'a arare.

Criança e ancião,
São a luz da terra e o brilho da água,
O espírito deles é que nos apoia e nos
Impulsiona e nos faz cantar e dançar;
Que nos leva ao Universo.

Wanderley C. Moreira in: MAINÕ 'I RAPÉ: O caminho da sabedoria. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFPC: UERJ, 2009, p.66.

Meu povo era livre

Antigamente, nós, Pataxó, vivíamos exclusivamente da caça, da pesca e de frutas da floresta. A caçada e a pescaria eram realizadas com suas próprias armas e armadilhas. O arco, a flecha, a borduna, a lança, o mundéu, o kisô, o fojo e muitas outras que nosso povo fazia.

Nós, Pataxó, não conhecíamos armas dos brancos, como machado, facão, foice, enxada, faca e armas de fogo.

Antigamente, tinham muitas farturas, nosso povo não passava fome e nem sede. Hoje, tem dia que o índio passa muita fome, pois a fartura que tinha antigamente, hoje acabou tudo. Antigamente, meu povo não vestia roupa do branco, tinha sua própria roupa.

Hoje vestimos as roupas que são fabricadas nas fábricas das cidades, usamos relógios e sapatos. Hoje nós estudamos pra defender os nossos direitos e encarar o mundo lá fora.

Hoje, nós somos a minoria, mas, antigamente, éramos a maioria e vivíamos felizes nessa terra.

Nós, Pataxó, somos fortes e guerreiros, como as outras nações indígenas que vivem por aí, em outros estados.

O POVO PATAXÓ e suas histórias. 4. ed. São Paulo: Global, 2000.

Atividades

1. Comente sobre a diversidade cultural linguística dos povos indígenas hoje no Brasil.

2. Cite quais são os troncos linguísticos indígenas do Brasil.

3. Diferencie famílias, línguas, troncos linguísticos.

4. Comente acerca dos casos de bilinguismo e multilinguismo dos povos indígenas

5. Podemos afirmar que existe uma língua inferior à outra, ou mais complexa que outra? Por quê?

Vídeos indígenas

Série Salto para o futuro, disponível em www.dominiopublico.gov.br

Ylia e o fogo, disponível em www.socioambiental.org

Pajerama, disponível em www.socioambiental.org

Aldeias vigilantes, disponível em www.socioambiental.org)

Documentários e vídeos indígenas, disponível em http://www.tvcultura.com.br/auwe

Referências

FRANCHETTO, Bruna. As línguas indígenas. In: **Índios do Brasil** 2. Secretaria de Educação a distância. Secretaria de Educação Fundamental. Reimpressão. Brasília: MEC/SEED/SEF, 2001.

FREIRE, José R. Bessa. **Rio Babel:** a história das línguas na Amazônia. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

KITHÃULU, Renê. **Irakisu e o menino criador.** São Paulo: Peirópolis, 2002.

MAINÕ 'I RAPÉ: O caminho da sabedoria. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFPC: UERJ, 2009.

MONTSERRAT, Ruth M. F. Línguas indígenas no Brasil Contemporâneo. In: GRUPIONI, Luís D. **Índios no Brasil.** 4. ed. São Paulo: Global, 2005. Brasília: MEC, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio.** 3. ed. São Paulo: Callis Editora, 2005.

______. **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos.** São Paulo: Peirópolis, 2001.

O POVO PATAXÓ e suas histórias. 4. ed. São Paulo: Global, 2000.

REFERENCIAL curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo.** 3. ed. Vitória: APEES/SEDU/SECULT, 2008.

TEAO, Kalna M. LOUREIRO, Klítia. **História dos índios do Espírito Santo.** Vitória. Editora do Autor, 2009.

TEIXEIRA, Raquel F. A. As línguas indígenas no Brasil In: SILVA, Aracy L. GRUPIONI, Luís D. B. (orgs). A **temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus.** 4. ed. São Paulo: Global, Brasília: MEC/MARI, UNESCO, 2004.

Sítio eletrônico: www.socioambiental.org

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

Artigo 32.§ 3º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Anexo

* Língua Geral Amazônica (Nheengatú). É Amazônica para distinguir da outra Língua Geral, a Paulista, agora já extinta; Nheengatú é um nome um tanto artificial, que lhe deu mo Gen. Couto de Magalhães em seu livro de 1876 - O Selvagem.

* * Puroborá (é um povo cuja língua há documentos dos anos 20 (Th. Koch. Grünberg) e dos anos 50 (W. Hanke) e de que há ainda alguns remanescentes dispersos de Porto Velho até o Guaporé e o pessoal do Setor Linguístico do Museu Goeldi tem contactado alguns e gravado dados linguísticos).

Fonte: ISA-Instituto Sócioambiental

Fonte: ISA-Instituto Sócioambiental

Outras Famílias

Continua

Fonte: ISA-Instituto Sócioambiental